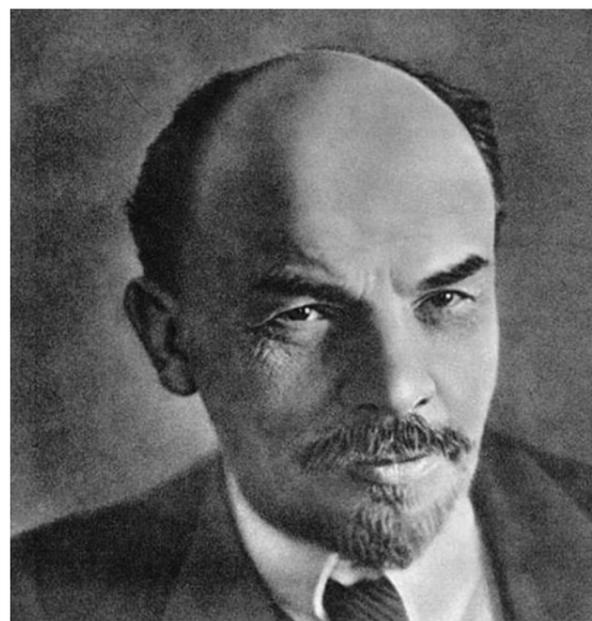
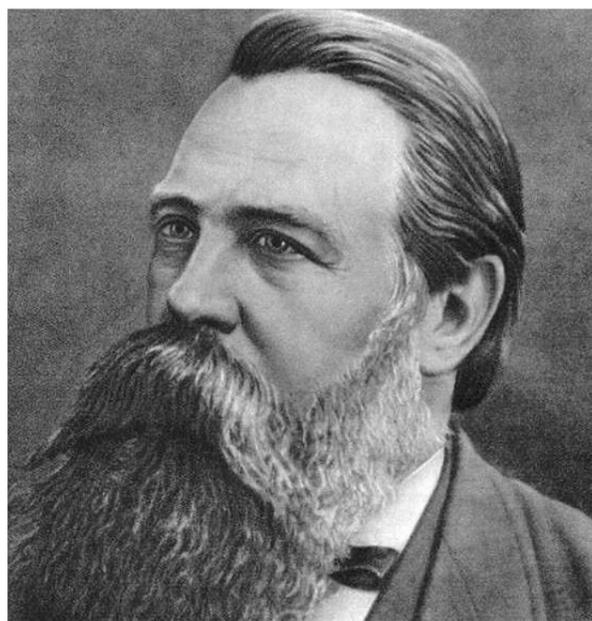
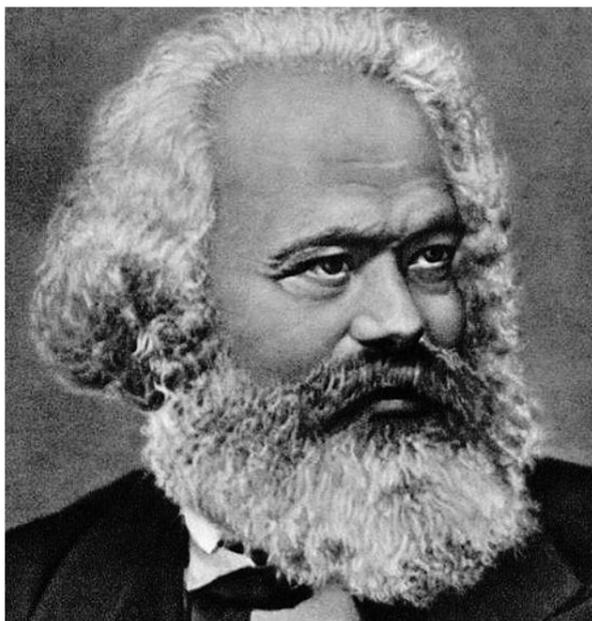


FÓRUM DE UNIDADE DOS COMUNISTAS



“Diante da necessidade histórica de buscar soluções para a crise social do nosso tempo, três organizações revolucionárias brasileiras decidiram formalizar a criação do FÓRUM DE UNIDADE DOS COMUNISTAS, um instrumento para avançar na direção da construção da unidade de ação dos comunistas de nosso país.”

(leia o manifesto de fundação do fórum nas páginas centrais)



ATO PÚBLICO DE LANÇAMENTO DO FÓRUM DE UNIDADE DOS COMUNISTAS:

DIA 24 DE MARÇO DE 2006 (sexta-feira), às 18:30h

ABI (Associação Brasileira de Imprensa)

Rua Araújo Porto Alegre, 71 – Centro – Rio de Janeiro

FÓRUM DE UNIDADE DOS COMUNISTAS: UMA NE

Os dramáticos retrocessos sociais das últimas décadas – manifestos no aprofundamento da fome, mi-séria, desemprego e degradação do nível de vida dos povos – mostram que o desenvolvimento do capitalismo é incapaz de resolver os problemas dos trabalhadores. Pelo contrário, como resultado do aprofundamento da crise estrutural do sistema e da reação que a segue, direitos e reformas conquistados no passado estão sendo destruídos pelas políticas neoliberais. A hegemonia do programa neoconservador, de outro lado, trouxe consigo um recrudescimento extremamente agressivo e militarizado do imperialismo na exploração dos países subordinados. Seu significado mais sensível é, uma vez mais, dor e pauperização dos proletários do mundo.

O aprofundamento da crise estrutural do capital, que começamos a experimentar nos anos 70, não apenas tende a romper com seu processo normal de crescimento, mas também pressagia uma falha na sua função vital de deslocar as contradições acumuladas do sistema. Não se trata de uma mera crise cíclica tradicional. Trata-se de uma crise estrutural do domínio do capital (e não só do capitalismo). Logo, não apenas uma crise econômica, mas uma crise mais profunda, em que a manutenção do domínio do capital implica um ônus humano cada vez mais caro e regressivo, em todos os aspectos da realidade social. No aspecto econômico, verificam-se o prolongamento das crises cíclicas, suas manifestações cada vez mais destrutivas, com recuperações cada vez mais débeis e curtas, nítida redução da taxa média de crescimento e tendência a tornar-se uma crise crônica, depressiva, em que uma recessão segue-se a outra. É certo que a crise ainda está no seu início e seu futuro pode ser longo. Seria ilusão de classe sugerir que o modo de produção capitalista tenha atingido seu ponto de não retorno, a caminho do colapso, como se fosse possível assistirmos ao fim do capitalismo sem revolução social. Sem esta, a burguesia encontrará formas de reorganizar a dominação de classe e a exploração do trabalho.

Não obstante, na América Latina é visível a existência de uma crise cada vez mais aguda das democracias burguesas subordinadas ao imperialismo. Os governos responsáveis pela implantação do "Consenso de Washington" vêm sendo derrotados, em alguns casos derubados pela pressão do movimento de massas e, em outros, pela vitória eleitoral de candidatos opositores de suas medidas pró-imperialistas, ainda que alguns dos eleitos não tenham rompido com estas políticas, como ocorreu no Brasil, Argentina e Uruguai.

Mais recentemente, a direita sofreu novas derrotas. No Chile, as possibilidades de enfrentamento ao neoliberalismo são limitadas, pois se trata da continuidade de uma coligação social-democrata. Na Bolívia, aparentemente há melhores condições para este embate, pois o novo governo está apoiado por um vigoroso e independente movimento popular. Os governos mais servis ao imperialismo (do Paraguai, Peru, México e Colômbia) enfrentam uma profunda desmoralização. Na Colômbia, as FARC-EP e a ELN seguem acumulando forças, apesar da repressão e da intervenção militar dos EUA. Controlam grande parte do território e têm relações fraternais com a intelectualidade avançada e com as principais correntes marxistas das grandes cidades.

Na América Latina, as políticas pró-imperialistas sofrem o repúdio cada vez mais generalizado dos "de baixo". Está em curso um processo ascendente de acumulação de forças, através de sucessivas lutas pelos direitos e reivindicações das massas exploradas e oprimidas: greves proletárias, ocupação de fábricas, lutas de desempregados, "piqueteiros" e aposentados, movimentos de camponeses "sem terra" e de povos "indígenas" originários, lutas dos jovens e mulheres de bairros pobres, de estudantes e professores. Já há iniciativas consistentes de formação de programas unitários de organizações populares.

Crescem por todo o continente as lutas contra as privatizações e pela retomada do controle público de empresas estratégicas e campanhas internacionais contra o pagamento da dívida externa, contra a ALCA, etc. A ofensiva do imperialismo integra, de forma cada vez mais íntima, as tarefas políticas de luta por soberania nacional e formas avançadas de democracia de massas com a luta pela transformação social, orientada para o socialismo. O problema é que, na maior parte dos países do continente, a esquerda socialista permanece fraca, dividida e ainda incapaz de dar aos movimentos uma consistente direção sócio-política, de caráter anticapitalista.

O processo que avança mais rapidamente é o da revolução bolivariana na Venezuela. Ali realiza-se uma radical transformação na estrutura institucional e no ânimo das massas, com a implantação de medidas democratizantes, como a ampliação da participação e organização popular, a adoção de programas sociais consistentes (destacando-se as reformas urbana e agrária) e de uma política cultural e educacional que, já em 2005, eliminou o analfabetismo.

Por seu turno, a revolução socialista cubana sobrevive e se revigora já há quase meio século, apesar da incansável perseguição estadunidense. A pátria de José Martí vem demonstrando, em muitas ocasiões e da forma mais tangível, sua solidariedade com a causa da emancipação humana. Mas a solidariedade é uma rua de mão-dupla: a solidariedade internacional com Cuba não é com a "revolução dos outros", mas é parte integrante da nossa revolução. A revolução cubana vive, no presente e de modo particularmente difícil, alguns elementos universais do nosso futuro. Convocou não só para a ruptura com o imperialismo, mas para uma transformação estrutural da sociedade como condição do sucesso nessa rota empreendida. Só um planejamento efetivamente socialista (abrangente e democrático) pode trazer soluções definitivas e duradouras para os problemas dos trabalhadores, na medida em que é capaz de viabilizar a combinação da racionalidade produtiva com a legítima busca dos indivíduos por uma vida plena de significado humano.

No Brasil, os atuais ocupantes do Planalto, eleitos pelos "de baixo" para implantar políticas alternativas ao projeto repudiado nas urnas, optaram por administrar com e para os "de cima". Em vez de enfrentarem os inimigos do povo, prostraram-se diante deles. Em lugar de implantar uma administração voltada para os interesses das maiorias, optaram por assumir um conteúdo conservador, sob a hegemonia do capital financeiro, aprofundando o

programa de contra-reformas do governo anterior.

Não há argumentos que justifiquem a contra-reforma da Previdência, o ataque aos inativos, a tentativa de piorar a legislação sindical, as manobras para retirar direitos trabalhistas, o arrocho salarial do funcionalismo público, o aumento a conta-gotas do salário mínimo, o rebaixamento da renda relativa do trabalho, o retrocesso da nova Lei de Falências, a coagulação da desigualdade social, a manutenção da pobreza crônica, a continuidade do desemprego, a redução das políticas sociais a meras focalizações compensatórias, o prosseguimento da violência generalizada, a dilapidação da infra-estrutura nacional, a implementação das "Parcerias Público-Privadas", a concessão de estradas a capitalistas e as diretrizes privatizantes no ensino superior.

Tampouco são aceitáveis o alto superávit primário para o serviço da dívida pública, a "autonomia" do Banco Central, as taxas de juros mais elevadas do mundo, os lucros astronômicos dos conglomerados, o abandono da reforma agrária, a vulnerabilidade da economia brasileira, o controle crescente do país pelos cartéis transnacionais, o crescimento medíocre do PIB, os obstáculos legais à viabilização dos partidos de esquerda, o engavetamento dos direitos devidos pelas práticas terroristas do regime militar, a transformação da diplomacia em lobby pró-exportadores, a ocupação militar do Haiti, a dubiedade em relação a Cuba, o silêncio atual diante do massacre no Iraque, as posturas favoráveis ao go-verno fantoche da Colômbia (incluindo a prisão de Olivério Medina) e assim por diante.

Tudo isto significa penúria, sofrimento e frustração para milhões de brasileiros. Ademais, concretiza a submissão ao capital e ao imperialismo, prestando-lhes serviços, exatamente num momento de ascensão das lutas populares na América Latina e no Caribe, a pretexto de propósitos diplomáticos de resultados duvidosos, especialmente a obtenção, para o Brasil, de uma cadeira permanente no Conselho de Segurança da ONU. Este quadro leva-nos a uma atitude em oposição ao continuísmo neoconservador desse governo, sem prejuízo da ação comum em torno de eventuais pontos de interesse popular ou com setores à esquerda que ainda o apóiam.

Além do mais, como decorrência de suas opções políticas e de suas alianças com setores conservadores, os principais dirigentes do PT aderiram aos métodos políticos tradicionais de corrupção, passando a financiar suas atividades com doações de grandes grupos econômicos ou artifícios de apropriação da coisa pública. Além dos prejuízos que causou ao povo, este transformismo afetou a credibilidade das idéias socialistas, uma vez que, no imaginário popular, o atual presidente simbolizava uma esperança de mudanças sociais. Portanto, o ônus da crise política não recai apenas sobre os ombros dos principais responsáveis, mas do conjunto das forças que os apoiaram nas eleições e foram fiadoras de seus compromissos.

Mas a crise do movimento proletário e popular já encontra uma resposta na luta dos trabalhadores em repúdio às contra-reformas, nas greves contra o arrocho sala-

NECESSIDADE OBJETIVA, UM GESTO HISTÓRICO

rial e por melhores condições de vida, na continuidade da luta dos sem-terra e dos sem-teto, etc. Uma vez no governo, os social-liberais abandonaram seus vínculos com o movimento proletário e popular, optando pelo túmulo dourado da corrupção capitalista. Seu projetado "partido de massas" figura hoje como mais um dos "partido da ordem", que se alternam na gerência da lógica antidemocrática da oligarquia financeira. Sob este ângulo, a grande função dos atuais governantes é a de por a descoberto, de modo absolutamente claro para todos os lutadores do povo (sem miragens desorientadoras), o desafio estratégico da construção de um grande e forte partido revolucionário ligado às massas.

A compreensão radical do que recentemente sucedeu no Brasil é condição para que os comunistas e os demais revolucionários possuam consciência de si e sejam sujeitos de sua própria reorganização em nível superior ao que atingiu no ciclo encerrado. Mais uma vez, ficou provado que a política não deve ser um fim em si mesmo, mas o instrumento e o modo de existência inovadores da luta de classes. Um meio que incorpore, por definição, as determinações das condições exteriores e seja uma prática vinculada a esse propósito maior. Por isso, apenas um conhecimento científico da realidade, uma estratégia conseqüente e uma concepção de organização revolucionária terão condições de embasar objetivamente, articular produtivamente e justificar moralmente as ações do cotidiano.

Nesse contexto, diante da necessidade histórica de buscar soluções para a crise social do nosso tempo – avaliar os problemas particulares da luta de classes no Brasil em conexão com o atual estágio de desenvolvimento da crise estrutural mundial do domínio do capital e debater os problemas teóricos e ideológicos da revolução brasileira enquanto temas fundamentais e determinantes da elaboração de estratégias, de táticas e de meios organizativos práticos viáveis – três organizações revolucionárias brasileiras decidiram formalizar a criação do **FÓRUM DE UNIDADE DOS COMUNISTAS**. Trata-se de um instrumento para avançar na direção da construção da unidade de ação dos comunistas de nosso país.

Este passo foi possibilitado pelo amadurecimento de relações que passaram por encontros regulares de comissões representativas dessas três correntes políticas nacionais: a **CORRENTE COMUNISTA LUIZ CARLOS PRESTES (CCLCP)**, formada por comunistas organizados em torno das posições revolucionárias de Luiz Carlos Prestes, cuja principal referência é a Carta aos Comunistas (1980); o **PARTIDO COMUNISTA BRASILEIRO (PCB)**, que derrotou o liquidacionismo em 1992, mantendo e renovando, no cenário político, a sigla de 1922 e que, em seu recente XIII Congresso Nacional, rompeu com a herança etapista, colocando na ordem-do-dia a atualidade da luta pelo socialismo; e a **REFUNDAÇÃO COMUNISTA (RC)**, formada por revolucionários que desde o início, como membros de uma tendência marxista interna ao PT, combateram o "social-liberalismo". Também participa desta iniciativa, como convidado, Sérgio Miranda, deputado federal por Minas Gerais.

No longo e proveitoso I Encontro Nacional de Unidade

dos Comunistas – realizado na cidade de São Paulo em novembro de 2005 – e em reuniões posteriores, representantes dessas organizações trocaram informes sobre as suas origens, trajetórias e situações atuais. Depois, debateram uma pauta em que se destacavam elementos básicos de estratégia para a revolução brasileira; conjuntura e tática, incluindo política de alianças; concepção de Partido e a unidade dos comunistas. Após constatarem um amplo consenso e também a identidade nas questões centrais debatidas, decidiram encaminhar ações comuns, no trabalho decisivo de mobilização e organização do proletariado e das massas populares.

O **FÓRUM DE UNIDADE DOS COMUNISTAS** propõe o socialismo como alternativa à crise do capitalismo. Para viabilizar esse objetivo é necessário organizar um bloco de forças sociais interessadas na liquidação do poder dominante e que seja capaz de combater e derrotar o imperialismo, o domínio dos monopólios estrangeiros e "nativos" e democratizar a propriedade da terra, com o fim do latifúndio. A conquista deste objetivo depende fundamentalmente do nível de unidade, organização e consciência alcançado pelo movimento operário e popular. A tarefa essencial da atual agenda histórica é a radical rearticulação do movimento socialista com o movimento de massas. O desenvolvimento da consciência proletária socialista no movimento de massas se dará junto com o fortalecimento das organizações existentes e a construção superior do Partido revolucionário, proletário e democrático em todos os aspectos de seu funcionamento.

A reconstrução do Partido precisa levar em conta a história efetiva do movimento socialista mundial, incluindo uma reflexão profunda e crítica das práticas dos partidos populares e dos próprios comunistas, de modo a superar, radicalmente, as concepções equivocadas do passado e os percursos que levaram, seja ao oportunismo, seja à falta de solidariedade, seja ao fim da democracia entre os militantes, bem como o estudo aprofundado e rigoroso das transformações que vêm processando-se no mundo atual, na formação social brasileira e nas lutas populares que estão de fato em curso.

É imprescindível que todos aqueles que queiram contribuir para a construção de uma sociedade socialista, na perspectiva do comunismo, unam suas forças em torno de um programa comum. A questão da estratégia e do programa comum não é uma "questão de gabinete", não pode ser resolvida de modo burocrático e autoritário. Será necessário um amplo processo de discussão – efetivamente livre, crítico e ligado às lutas sociais – que construa uma organização revolucionária como lugar de unidade na diversidade.

É também para contribuir nessa tarefa, que criamos o **FÓRUM DE UNIDADE DOS COMUNISTAS** pois, sem desvalorizar a importância da discussão e do entendimento entre dirigentes, tem o compromisso de aprofundar a formação de militantes, como intelectuais orgânicos da classe operária (como enfatizava Gramsci, na esteira de Lênin) e priorizar o debate e a ação política no seio do proletariado e das massas pobres. O propósito que aproxima as três organizações participantes é fo-

mentar a retomada do debate sobre a estratégia da revolução brasileira e a construção de uma organização revolucionária capaz de unificar os comunistas brasileiros.

Assim, o **FÓRUM DE UNIDADE DOS COMUNISTAS** tem como princípios básicos o respeito à autonomia das partes, o debate franco de idéias, a elaboração de propostas conjuntas em todos os terrenos e a busca de ação política comum. A consistência de sua iniciativa, para além das motivações políticas imediatas, baseia-se na identidade com o marxismo como filosofia, teoria científica da história e doutrina social revolucionária; a atualidade da luta de classes e a centralidade do proletariado e demais trabalhadores na transformação socialista, como forma de superar o capital, a alienação e todas as formas de exploração e dominação do homem pelo homem.

O **FÓRUM DE UNIDADE DOS COMUNISTAS** tem caráter transitório, funciona pelo método do consenso e está aberto a outras correntes. Todavia, adota critérios de participação que expressem uma base teórico-política mínima comum, sejam capazes de lhe garantir eficácia e permitam a possibilidade de prosperar. Em primeiro lugar, a identidade assumidamente comunista, com a vertente ideológica cujo fio vermelho saiu da Liga de 1847-52, passou pela Comuna de Paris, animou os momentos avançados da Segunda Internacional, regenerou-se na Revolução de Outubro, instalou-se no Brasil em 1922, jogou um papel da maior importância no movimento operário brasileiro durante décadas e se depara, hoje, com um desafio histórico.

Outro ponto de unidade do Fórum é a crítica ao sistema de erros, concepções equivocadas e práticas deformadas e deformantes que tiveram grande influência institucional no movimento comunista – como o imediatismo burocrático, o mecanicismo, o fatalismo, o voluntarismo e outras formas de oportunismo teórico e político – sem simplificações e demonologias; destacando a importância de discutir a gênese, as características e as conseqüências do processo interrompido de transição para o socialismo na União Soviética. Ressalte-se também a nossa identidade a disposição de defender e aplicar a concepção marxista de partido - recuperada, sintetizada e desenvolvida por Lênin - traduzindo-a para as condições concretas da luta de classes no Brasil contemporâneo. Por fim, o compromisso com uma estratégia socialista para a revolução brasileira.

É nessa perspectiva que comunicamos aos companheiros de luta de todo o mundo, a todos os brasileiros e, especialmente, aos trabalhadores de nosso país, a fundação do **FÓRUM DE UNIDADE DOS COMUNISTAS**; na convicção de que significará uma contribuição (modesta, mas na qual colocaremos todo o nosso esforço) para a revitalização e reorganização da luta por liberdade, pelos direitos democráticos, por justiça social e pelo socialismo.

Janeiro de 2006

**Corrente Comunista Luiz Carlos Prestes
Partido Comunista Brasileiro
Refundação Comunista**

RESOLUÇÕES DO FÓRUM DE UNIDADE COMUNISTA

Nas recentes reuniões do Fórum de Unidade dos Comunistas e de sua Coordenação, foram adotadas as seguintes resoluções e iniciativas consensuais:

1- Promover um debate em Caracas, nos marcos do Fórum Social Mundial, sobre o tema “*A unidade dos comunistas e a luta pelo socialismo no Brasil*”;

2 - Realizar nos dias 22 a 25 de março, no Rio de Janeiro, o **II Encontro Nacional de Unidade Comunista**, com o lançamento público do **Fórum de Unidade dos Comunistas** e atividades políticas e culturais;

3 - Estreitar os laços entre as direções e

as militâncias das correntes comunistas participantes do Fórum em cada Estado da Federação, implementando a unidade de ação na frente de massas, especialmente no movimento sindical e na juventude;

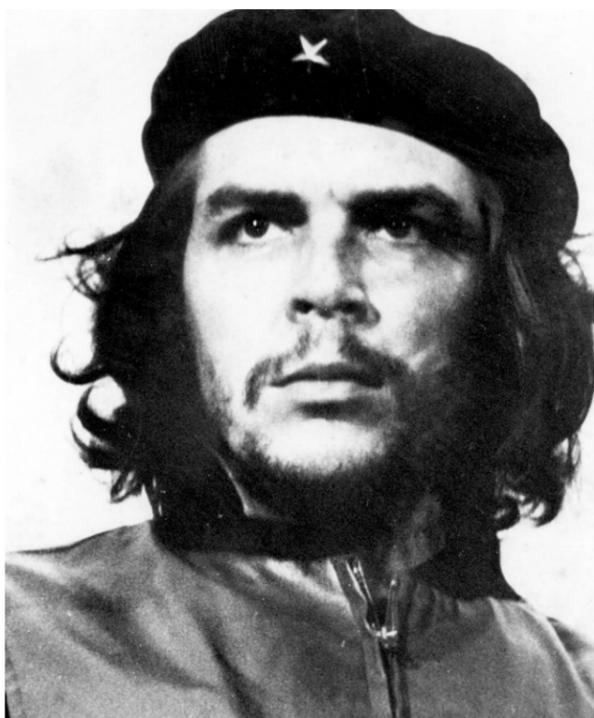
4- Contribuir para a unidade do movimento sindical, estimulando a realização de eventos intersindicais que fortaleçam e viabilizem uma concepção sindical de classe, uma postura de autonomia em relação ao governo federal, uma política que expresse os interesses dos trabalhadores e uma organização fincada nas lutas;

5- Criar instrumentos para fomentar o debate sobre as questões candentes do

movimento comunista internacional, para contribuir para a formação política da militância e para travar a disputa teórico-ideológica;

6- Manter relações com outras organizações revolucionárias que colocam a questão da luta pelo socialismo na ordem do dia;

7 - Assumir o internacionalismo proletário como um dos pontos centrais da ação dos militantes, tomando iniciativas concretas em apoio e solidariedade ao povo, ao governo e ao partido comunista cubano, extensivas a todos os trabalhadores e nações em luta contra o imperialismo e a exploração e em defesa das liberdades democráticas.



LANÇAMENTO PÚBLICO DO FÓRUM DE UNIDADE DOS COMUNISTAS



O **FÓRUM DE UNIDADE DOS COMUNISTAS** será lançado publicamente nos marcos do **II ENCONTRO NACIONAL DE UNIDADE COMUNISTA**, a ser realizado no Rio de Janeiro, entre 22 e 25 de março de 2006. O período e o Estado não foram escolhidos aleatoriamente, pois se trata de uma homenagem aos 84 anos de fundação do PCB, que se deu em 25 de março de 1922, na cidade de Niterói. O Evento está sendo organizado de forma a incluir um ciclo de debates (dias 22 e 23), um ato público (dia 24) e o Festival do Fórum (no dia 25), em que se conjugarão atividades políticas e culturais, culminando com um congraçamento social. Dentro em breve, será divulgado o conjunto da programação, para o qual todos os comunistas, seus simpatizantes e amigos estão desde já convidados.

Uma publicação do

FÓRUM DE UNIDADE COMUNISTA

Responsáveis:

www.pcb.org.br

www.cclcp.org.br

www.refundacao.comunista.nom.br